

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
Faculdade de Filosofia- FAFIL
Curso de Filosofia - Licenciatura
Estágio Curricular Supervisionado

Professoras: Carmelita Brito e Rosângela Chaves
Escola-Campo de Estágio: CEPAE/UFG

**DE QUE MODO NÓS, FUTURAS PROFESSORAS E PROFESSORES, PODEMOS
ENSINAR POR MEIO DE UMA CIDADANIA E DEMOCRACIA PLURAL E
COLETIVA?**

Estagiária: Lara Gabriella Alves Carneiro.

Orientador: Profº Dr. Renato Moscateli

GOIÂNIA-GO

Dezembro, 2024

Introdução

O tema da minha pesquisa, “De que modo nós, futuras professoras e professores, podemos ensinar por meio de uma cidadania e democracia plural e coletiva?”, surgiu em consequência das minhas observações das/os alunas/os do CEPAE, principalmente as/os do terceiro ano B de 2023.1, quando percebi que elas/eles se mostravam razoavelmente bem articuladas/s politicamente, participativos e inteirados a respeito dos assuntos de natureza política. Não me lembro de ter tido colegas assim no meu ensino médio. Mas em conversas com colegas estagiárias(os), tive relatos a respeito de uma outra turma que indicavam um comportamento diferente, por exemplo, com posicionamentos por vezes mais intolerantes a respeito de questões relativas aos direitos humanos.

Pensando na minha experiência e nas aulas no CEPAE, me pareceu que as/os alunas/os tinham uma maior inclinação para as questões políticas. Me tocou bastante os momentos em que os temas ligados à política foram discutidos em sala. Todavia, percebi a dificuldade que as/os alunas/os têm de associar o conhecimento político com a vida humana, a vida social, a economia atual e com as suas condições existenciais. Notei também que a forma de tratar a teoria e a ação políticas, na sala de aula, pode contribuir para nos libertar, o que é positivo, ou nos limitar e aprisionar, o que é negativo, em nossas existências no mundo.

Diante dessas percepções e inquietações, a leitura dos textos de Chantal Mouffe, sobre o seu conceito de cidadania e democracia radical, e de Felipe Ceppas, que articula outras noções de democracia com o ensino de Filosofia, me ajudou a pensar essas questões. Neste texto, vou discorrer primeiramente sobre as bases teóricas de minha pesquisa; em seguida, irei apresentar o relato da minha experiência no estágio, que se conecta com essa minha investigação, e, por fim, apresentarei uma proposta de plano de ensino inspirada nos conceitos de cidadania e democracia de Chantal Mouffe.

1. Uma nova perspectiva de cidadania e democracia

No artigo “Por um modelo agonístico de democracia”, a cientista política Chantal Mouffe analisa alguns tipos de democracia. Destaca primeiramente a *democracia agregativa dominante*, um modelo democrático liberal e elitista, no qual o poder fica limitado a poucos e a participação da população na tomada de decisões sobre os temas de interesse comum é desencorajada. O segundo modelo destacado é a *democracia deliberativa*, no qual as decisões políticas são alcançadas por meio de debates entre cidadãos. Já o terceiro modelo é a *democracia agonística*, defendida por ela, que valoriza a figura do adversário (Mouffe, 2005, p.15).

Mouffe é crítica ao modelo deliberativo proposto por Rawls e Habermas. Segundo ela, o maior problema da democracia deliberativa é o discurso imparcial produzido sob a condição de um discurso “ideal”, nos conduzindo a um raciocínio universal. Embora tanto Rawls quanto Habermas defendam “visões mais abrangentes” da democracia, ou seja, que possamos ser mais plurais, Mouffe pondera que a construção dos argumentos nessas discussões torna-se inflexível, pois busca-se fundar uma autoridade e uma legitimidade pautadas em um certo tipo de polarização, o que ocasiona a exclusão de grupos da população das decisões políticas que não se encaixam propriamente em um dos dois polos da disputa política (Mouffe, 2005, p.14-15).

A fim de resgatar o pluralismo de valores de identidades em uma democracia, Mouffe faz uma distinção entre “o político” e “a política”. O político se trata da dimensão do que é antagônico, característica intrínseca às relações humanas e sociais cercadas por tensões e conflitos. E a política é um conjunto de práticas para organizar e estabelecer ordem à coexistência humana, tendo por tarefa diminuir os conflitos provocados pelo “político”. Para a autora, o propósito da política democrática é constituir o “eles”, por isso, em uma política democrática, não cabe a ideia de inimigos a serem destruídos, porém podemos proporcionar uma política de “pluralismo agonístico” (Mouffe, 2005, p. 20).

Ao propor uma democracia agonística, Mouffe destaca a dimensão e a importância do adversário, que não é o mesmo que “o inimigo”. Para a autora, não há uma solução imediata para os conflitos, pois a confrontação entre grupos opostos e entre interesses diversos em uma política democrática é algo inerente à democracia, portanto, é perene (Mouffe, 2005, p. 20).

Já no livro *O regresso do político* (1996), Mouffe apresenta o conceito de *democracia radical*, inspirado no modelo de *republicanismo cívico* de Maquiavel. “Radical” aqui concerne

a um alargamento da participação ativa dos cidadãos, mas estes não são vistos como dissociados entre si, a liberdade individual não se opõe às liberdades coletivas e plurais. Na verdade, elas estão em alguma medida relacionadas, como em uma espécie de intersecção.

A tarefa dessa democracia é conectar várias lutas democráticas entre si, possibilitando que grupos de diferentes identidades (classe social, raça, etnia, gênero, sexualidade, religião, causas políticas e sociais específicas) se articulem uns com os outros, estabelecendo uma equivalência entre suas demandas. Essas lutas caminham, assim, para um coletivismo, a fim de confrontar os elementos negativos do individualismo liberal. Na defesa de uma sociedade plural e democrática, Mouffe alerta que a democracia radical não garante sucesso na resolução dos problemas democráticos, mas constitui uma alternativa às ideias essencialistas, unitárias e de totalidade social propostas pelo Iluminismo.

Na obra, a autora tece ainda uma crítica à cidadania liberal, em que o cidadão é reduzido a um recipiente passivo dotado de direitos específicos e protegido pela lei. No liberalismo, o cidadão abre mão de ser um articulador social e preserva seu único e exclusivo individualismo. Em contraponto a esse modelo, Mouffe propõe um cidadão democrático radical, que é aquele que usufrui de direitos democráticos, concebidos como direitos que são exercidos coletivamente, confirmando os princípios de liberdade e igualdade para todos e visando à construção de um “nós” na constituição de uma equivalência democrática (Mouffe, 1996, p. 34). O cidadão democrático radical se informa em todas as áreas da sua vida política e social, permite que as relações de domínio sejam sempre questionadas e possibilita sempre uma democracia plural.

No artigo “Democracia Radical, educação e diferença: na contracorrente das políticas neoliberais e neoconservadoras”, Eduardo Jacondino e Dulce Mari da Silva Voss analisam a hegemonização das políticas neoliberais e neoconservadoras na contemporaneidade que ocorrem em várias áreas de nossas vidas, seja social e política, seja econômica e educacional.

Para os autores, a democracia atual, como a conhecemos, é baseada na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão de 1789, promulgada durante a Revolução Francesa, tratando-se, portanto, de uma democracia liberal e burguesa. A democracia enquanto regime político legitima o poder soberano da vontade majoritária da população e deveria, em tese, proporcionar a coletividade e a igualdade social. Nesse sentido, usamos o artifício democrático para escolhermos representantes no Estado, na intenção de eles nos proporcionarem justiça e direitos de múltiplas ordens e bem social (JACONDINO; VOSS, 2022).

Porém, como observam Jacondino e Voss, a governança democrática, independente da vertente política, ainda possui uma herança marcante do liberalismo, o que compromete não só

a realização da vontade popular, como também a garantia de justiça e direitos sociais. E vemos hoje cruelmente um retrocesso histórico. A democracia cada vez mais é colocada a serviço da agenda do mercado, e os direitos constitucionais e a cidadania, mesmo na perspectiva da cidadania liberal, são reduzidos dentro do Estado.

Jacondino e Voss dirão, baseados em Rolnik, que essa essência política vem do regime colonial capitalista, marcado pela exploração do trabalho, extração da força e da produção e da expropriação. Essa última não é só no sentido de terras retiradas ou privadas, mas também na expropriação da existência humana. Essa colonização da existência e do inconsciente humano, em que o desejo mais íntimo da pessoa é capturado e afetado pela lógica do mercado, bloqueia a expressão e a expansão dos processos de singularização e de cooperação com os outros, perdendo-se, por conseguinte, a capacidade de ação coletiva e de solidariedade, assim como os espaços plurais. (colocar a fonte)

É preciso entender que sempre haverá conflitos nas relações de poder, em uma democracia, considerando que existem entre os cidadãos uma variável de disputas acerca das demandas diferentes. Porém, como expõe Jacondino e Voss, a democracia radical de Chantal Mouffe visa exatamente superar os antagonismos políticos, por meio dos pluralismos agonistas constituintes na sociedade. A democracia radical, o pluralismo agonístico, é a arte de fazer conexões, alianças com os outros, até com o adversário, e estabelecer um estado pleno de consciência e crítica sobre o Estado liberal burguês.

Collins e Bilge, no livro *Interseccionalidade*, consideram que existe uma complexidade de fatores que constroem a identidade e a experiência de mundo, perpassando por várias camadas da existência humana, social, política, econômica e cultural. Esses fatores, que nos atravessam e nos influenciam mutuamente, atravessam e influenciam também outras pessoas nas mesmas ou em diferentes potencialidades. Assim, mesmo levando-se em conta e respeitando as diferenças no contexto plural, também temos algo em comum que é o compartilhamento de um mesmo mundo, de um mesmo Estado.

Para Laclau, um povo em sua totalidade nunca é uma expressão ideológica, mas é uma relação real entre agentes sociais (JACONDINO e VOSS, 2022). Essa relação social é o que constrói vários tipos de grupos, mas é preciso a articulação política entre as lutas desses diferentes grupos para, então, a construção de um novo tipo de hegemonia, a partir do desenvolvimento de identidades mais amplas. E essa sim seria uma hegemonia capaz de transformar o Estado.

Para Mouffe, segundo Jacondino e Voss, a democracia liberal busca consolidar um ideal de sociabilidade ancorada na racionalidade universal e impõe ao indivíduo se estabelecer em

um ideal de identidade, para diminuir os conflitos advindos das pluralidades e de suas demandas na política. Consequentemente, isso limita as articulações políticas no espaço público.

Mouffe considera que, no contexto sociopolítico contemporâneo, é completamente falsa a ideia da dicotomia política, impondo uma necessidade de se posicionar em uma parte única e exclusiva, como é corriqueiramente pregado pelos individualistas. E é de igual forma falsa a ideia de uma identidade unânime e coletiva pregada pelos comunitaristas, pois as pessoas, ou seja, os indivíduos e os grupos são plurais e estão imersos em ambientes plurais, e cabe a nós produzirmos uma política por meio do agonismo.

Butler, como escreve Jacondino e Voss, relacionada aos estudos de Mouffe e Laclau, defende uma teoria performativa e provisória por meio de ações plurais e das performances dos corpos, os quais negam se submeter e render-se às precariedades da vida. Butler indica que essa performance dá o direito do aparecimento corporal e torna as vidas mais visíveis. A manifestação democrática radical também se dá nos corpos que mostram as suas existências e resistem às imposições do moralismo neoliberal com os seus discursos meritocráticos, da autorresponsabilidade, da autossuficiência, e dos empreendedorismos de si, dos outros, da força de trabalho, do tempo, e tudo aquilo que defende esse sistema.

Esses corpos, via ação plural, devem se reunir em espaços públicos em forma de assembleias e formar entre si redes de apoio e de solidariedade para enfrentar a política perversa que os inibe de existir. Inclusive, devem se apropriar dos diferentes artefatos tecnológicos e meios de comunicação e mídia social. Jacondino e Voss, mencionando o trabalho de Daniel de Mendonça, afirmam que é importante, na construção de uma democracia radical, criar pontos nodais dentro das políticas das diferenças. Defendem ainda que a educação, nesse contexto, tem feito parte da governança dos sujeitos e dos corpos, através da tradição disciplinar e dos ideais de formação para o mercado de trabalho. A escola, mesmo falando sobre diversidade social, política e econômica, bem como sobre multiculturalismo, deixa muito a desejar, e com isso acaba por propiciar e concretizar ainda mais os conflitos entre as diferenças, gerando mais exclusão e violência. (colocar a fonte)

Trago aqui também, Filipe Ceppas, para articular outras noções de democracia com, no texto *Ensino de filosofia na encruzilhada: democracia, atualidade e antropofagia*, para pensarmos em conjunto com o pensamento de Jacondino e Voss, que já foram tratados neste relatório. Ceppas, ao definir a democracia sobre a perspectiva de Rancière, diz que a filosofia enquanto participativa no cenário pedagógico na construção de um coletivo, tem por capacidade contrapor a lógica da dominação (Ceppas, 2019, p. 135).

Para Ceppas, o desafio da/do professora/or de Filosofia em sala de aula é fazer conexões entre as diversidades de disputas, desejos e atenções no cenário pós-moderno atual. A/O professora/or, ao filosofar com suas/seus alunas/os, deve estar sintonizada/o com as sensibilidades que as/os atravessam no pensamento da contemporaneidade, ou seja, da atualidade. Ao ligar as experiências das/dos alunas/os com as experiências do chamado “nós” (Ceppas, 2019, p. 135), esse tipo de filosofar constrói um coletivo plural com uma sensibilidade transformadora e é um elemento fundamental para romper a lógica da dominação social (Ceppas, 2019, p. 139).

Ceppas cita Walter Benjamin, e Benjamin diz que o coletivo é um corpo organizado em um espaço imagético que nos torna familiar uns aos outros, a intervenção corporal coletiva se penetra profundamente na realidade e no espaço, por meio da ação revolucionária e transformadora, quando é superada a ideia do si próprio. Ceppas, a partir dessa citação de Benjamin e da observação da lei sancionada no Brasil, Lei 11.645, de 2008, sobre a instituição e inclusão de histórias e culturas afro-brasileiras e indígenas na educação básica, questiona o que constitui o corpo coletivo brasileiro.

Ceppas, após esse questionamento, faz uma crítica ao movimento modernista brasileiro de Oswald de Andrade e a sua ideia de antropofagismo, que é uma metáfora para a devoração da cultura europeia, vista como a outra, regurgitando-a de maneira crítica e se apropriando de uma cultura alheia, que ele chama de sua, que é a cultura indígena. Ou seja, Andrade estabelece aí um paradoxo, pois Ceppas afirma que ele gera uma espécie de conflito entre culturas e realidades, e em relação a culturas e realidades não se trata de uma filtragem de ambas e depois de uma síntese ou harmonização entre mundos, mas sobretudo de uma reconstrução e de uma consciência plena da realidade, em que elementos culturais de várias ordens estão conjugados com os elementos da contemporaneidade.

Ceppas exemplifica: um indígena tecnizado não deixou sua cultura para se apropriar de outra, porque o mundo atual de fato é tecnizado (CEPPAS, 2019, p. 140). E não se trata de identitarismos ou antagonismos, mas de relações entre as diferenças que nos atravessam em nossa vivência e realidade. A superação da lógica da dominação também se dá pela revolução dos elementos culturais da linguagem, das mitologias, rituais, relações afetivas etc., presentes em nossa cultura.

O ensino de filosofia a partir de uma democracia radical, segundo Ceppas, tem por princípios lidar com as tensões das diferenças, pois formar cidadãos está ligado com a formação epistemológica, fenomenológica, lógica, política, artística e estética, social e cultural acerca das concepções de mundos. E filosofar no Brasil é levar em consideração os nossos sujeitos, as

nossas vivências e nossas realidades americanas, americanas enquanto continente. É levar em consideração, diz Ceppas, a multidão dos trópicos e filosofar com multidões é enfrentar obstáculos, e, contudo, é exercer uma convivência solidária e plural.

Tanto nas considerações de Mouffe sobre a cidadania e a democracia radical quanto nas reflexões de Ceppas sobre o ensino de Filosofia, encontrei um caminho para pensar minha própria concepção do que significa ensinar filosofia. A filosofia que eu quero ensinar é uma filosofia antcapitalista, antineoconservadora e antineoliberal. Eu não quero ensinar estudantes apenas para o mercado de trabalho, para a vida técnica e operacional, para serem consumidores. Quero sobretudo ensinar para a formação de estudantes cidadãs(os) e democráticas(os). Quero ensinar visando a uma formação humanística, filosófica e cultural. Quero ensinar estudantes capazes de compreender e atribuir sentidos a si mesmas(os), as/aos outras/os à sua volta, à natureza, à política, à economia, à cultura e à realidade onde habitam.

Quando me refiro a/ao estudante cidadã/ão, não elenco meramente a/o cidadã/ão no sentido daquela/e que é membro de um corpo jurídico detentor de direitos e deveres, e que faz parte de um Estado. E quando penso em um/a estudante alinhado/a com a democracia, não me refiro simplesmente à ideia de “maioria”, da participação de um quantitativo das vontades e realizações de um grupo maior da sociedade. Me refiro especialmente à cidadania e à democracia radicais elaboradas na teoria de Chantal Mouffe, que já foram apresentadas aqui. Relato a seguir a minha experiência de estágio neste semestre que, de certa forma, se conectou com essas ideais.

0. Experiência de estágio

2.1 Estágio I

As minhas primeiras impressões no CEPAE foram positivas, gostei bastante do ambiente. De certa forma a escola me remetia bastante ao restante da UFG (Universidade Federal de Goiás). Por esse motivo, eu estava plenamente consciente de estar em um centro de pesquisa de ensino. A escola é, em alguns aspectos, diferente dos colégios municipais e estaduais pelos quais eu já passei e não havia em mim o sentimento de nostalgia ou comoção, havia apenas a curiosidade e as expectativas sobre as coisas interessantes que eu poderia encontrar em relação ao estágio.

Gostei das aulas do professor Evandson Paiva Ferreira. A turma estava um pouco agitada e havia alguns momentos em, que o professor precisava clamar a atenção das/os alunas/os que

se distraíam em meio às conversas entre si. Apesar das conversinhas paralelas, a turma se revelou participativa e mantinha uma interação com o professor por meio de perguntas, comentários e relatos durante a aula, o que me animou bastante.

Tive a sorte de assistir às aulas de filosofia política, as quais foram para mim um ótimo terreno de observação e um material que sem dúvida contribuiu para o meu diagnóstico na escola, levando em consideração o meu interesse por política. A partir dessa observação, comecei a elaborar o problema que me levou à pergunta investigativa, a ser apresentada mais adiante.

Pude, juntamente com duas colegas de estágio, Lorrany e Ludmylla, conversar com o professor Evandson. Essa conversa ocorreu no pátio do CEPAE, após a Ludmylla perguntar ao professor a respeito da saúde mental dos docentes e se havia um adoecimento psíquico gerado neles por conta de situações ocorridas no ambiente da escola. Ele respondeu que, de alguma maneira, a saúde mental das/os professoras/es é afetada, mas que não havia um histórico entre elas/es de danos psíquicos mais graves.

Já sobre as/os alunas/os, o professor disse que algumas e alguns possuem particularidades psíquicas a serem atendidas, porém, essas particularidades não foram desenvolvidas no ambiente da escola ou nas relações da escola. Alguns sofrem de transtorno obsessivo-compulsivo, depressão, ansiedade e outros vêm para o colégio medicados ao ponto de não conseguirem assistir às aulas. Segundo o professor, nem sempre a instituição consegue salvaguardar esses alunos com atendimentos psíquicos adequados.

Nesse sentido, é preciso de uma didática que requer uma atenção especial a essas/esses alunas/os. E isso, nós estagiárias/os, deveríamos levar em consideração sempre, a saber, as condições individuais das/os alunas/os enquanto profissionais da educação. Animada com a disposição do professor em esclarecer nossas dúvidas, decidi continuar a conversa com ele, via Whatsapp, e foi assim que pude compartilhar com o professor as minhas próprias questões e fui prontamente atendida, não só pelo professor Evandson, como também pelo professor Fabrício David de Queiroz, também supervisor do estágio no Departamento de Filosofia do CEPAE.

Ainda sobre o diagnóstico na escola, recorro ao livro de Pimenta e Lima, *Estágio e docência*. Para as autoras, o diagnóstico consiste em um processo de coleta de informações e vivências que nos permite identificar necessidades e possibilidades no local do estágio, e essa ação vai além de descrever e criticar a escola. É uma atividade de análise e investigação relacional e dinâmica. Precisamos visualizar a escola viva, ou seja, o seu todo em pleno funcionamento, analisando todos os aspectos a serem levados em consideração em um estágio que se realiza em um colégio específico (Pimenta; Lima, 2010).

Observando as/os alunas/os do CEPAGE, principalmente as/os do terceiro ano B de 2023.1, percebi que elas/eles são razoavelmente bem articuladas/s politicamente. Não me lembro de ter tido colegas assim no meu ensino médio. Porém em sala de aula, ainda que fossem bem articulados, houve momentos de disputas políticas entre si. Por esse motivo, eu quis saber mais a respeito das relações dessas/es alunas/os com as questões políticas. Essa foi a principal motivação que me levou a fazer as perguntas aos professores Evandson e Fabrício, conforme pode-se verificar no anexo, e a definir o tema da pesquisa que levei adiante no estágio.

No texto “Notas sobre a experiência e o saber de experiência”, Jorge Larrosa nos incentiva a pensar a educação a partir das palavras “experiência” e “sentido”, como também a pensar quem somos e o que nos acontece. O autor fala da experiência em uma acepção que reúne o sensível e o existencial e define essa palavra como “o que acontece”. Experiência é algo que nos afeta, que mobiliza dentro de nós afetos, como o sofrimento e o padecimento. A experiência é algo de natureza relacional, e o que está em jogo nessa relação é a vida humana e o conhecimento. É necessário em nós uma abertura para provar e transformar aquilo de que precisamos e o nosso redor. De certo modo, devemos nos ceder ao momento de experimentação para haver força, determinação e consolidação das experiências em nós.

2.2 Estágio II

Confesso que, nesse período de 2023.2, me senti afetada por uma angústia. Em certos momentos, padeci com a disciplina de Estágio II (leituras de textos e discussões em sala de aula no curso de Filosofia – Licenciatura) e as práticas de estágio (observações de aulas de filosofia do ensino médio e contato direto com a escola). Talvez parte de meu padecimento e de minha apatia esteja ligada com a quantidade de alterações, as chamadas reformas, feitas no ensino médio, ocorridas no Brasil nos últimos anos, que deixam no sistema educacional público e privado, mas principalmente no público, muitas lacunas e questionamentos na comunidade brasileira a respeito do propósito da educação escolar.

Houve nesses últimos anos também o questionamento do propósito, da importância e da relevância da filosofia nessa mesma educação escolar, que é altamente discutível no momento atual. Muitas disciplinas passaram a ter seus conteúdos reduzidos. E, no caso da filosofia, ela foi reduzida a temas superficiais na grande maioria das aulas ministradas.

Outra coisa desanimadora é no que concerne a ser professora/or, uma/um profissional que trabalha excessivamente. No espaço da escola, as professoras e professores possuem pouca autonomia, não lidam apenas com o ensino, mas também com atividades administrativas, entre outras, e, ao mesmo tempo, fazem parte de uma categoria profissional demasiadamente

desrespeitada socialmente e pouco valorizada financeiramente. Digo isso considerando a sociedade e o Estado capitalista em que vivemos. Onde dinheiro e status são de grande valia para a constituição da sobrevivência social e econômica de uma pessoa. Neste momento, ser docente é uma possibilidade negativa socialmente e financeiramente falando.

Ser professora/or de filosofia parece ainda pior no contexto relatado acima. Em um cenário de estágio ou de residência pedagógica, em um colégio público distante da universidade, o que eu observei foram professores extremamente cansados, revoltados, amedrontados e por si adoecidos psicologicamente. Professores que dizem aos seus estagiários ou residentes: “Vocês são jovens, têm tempo de fazerem outro curso e terem outra profissão, e eu aconselho: Façam isso!”.

Por outro lado, no que diz respeito aos alunos do ensino médio nas escolas públicas, foi ainda mais desolador ouvi-los no primeiro contato. A maioria desses alunos estuda por obrigação, que é exigida muitas vezes pelos pais ou pelo Estado. Ou estudam pela possibilidade que uma educação formal e diplomada lhes pode dar, status, emprego, dinheiro e liberdade, pois um aluno dizia: “Só venho para a escola porque quero ter um bom emprego, ganhar dinheiro e fazer as coisas que eu quero no futuro”.

Boa parte dos alunos na mesma escola julgava que o conhecimento adquirido na sala de aula é desnecessário. U outro aluno do terceiro ano do ensino médio e melhor articulado dizia: “o que aprendemos aqui na escola não nos serve para a vida, deveríamos aprender coisas úteis, objetivas e práticas que nos auxiliaria lá na frente”. Perguntei ainda a respeito da disciplina de filosofia, e o mesmo aluno me respondeu: “Das disciplinas que temos aqui essa é mais superficial, é muito ruim, não acho ela necessária, mas acho que ela é interessante”.

Sendo uma estagiária, percebo que existe uma espécie de “jogo de conquista” quando estamos diante aos alunos, pois temos que provar a eles o quão somos legais, interessantes, hábeis e superconhecedores. Prontos e ativos a responder a qualquer tipo de pergunta enigmática e mostrar o quão a filosofia é profunda, é importante e é interessante. Mas sempre temos que lhes dar também o caráter famigeradamente útil, prático e objetivo da filosofia, pois a filosofia não pode ser filosoficamente “inútil” como filosoficamente é às vezes descrita entre “filósofos” e entusiastas da área. E o legado do conceito de formação humanística simplesmente se esvai no formato da educação formal contemporânea, voltada para a produtividade e resultados utilitários.

Durante as aulas do professor Almiro Schulz, a turma de Estágio II discutiu alguns textos em sala de aula, entre esses *Tabus acerca do Magistério*, do sociólogo e filósofo Theodor Adorno, no qual ele discute justamente o problema da aversão social à profissão de professor,

que a decisão de se tornar um/uma professora/or durante a graduação de filosofia aparece quase como uma imposição devido às faltas de alternativas no mercado de trabalho para esse profissional (Adorno, 2002, p.97).

Adorno traz as possíveis motivações de tal aversão a esse profissional, que ocasionalmente se dão pelas representações inconscientes que as pessoas têm do professor na sociedade alemã. Essas representações são geralmente degradantes, relacionadas ao infantil, ao serviçal, ao vendedor de conhecimento e ao castigador (Adorno, 2002, p. 98 -112) , retirando do magistério seu grau de seriedade. Embora na Alemanha de Adorno a pobreza dos professores fosse algo do passado (Adorno, 2002, p.100), o profissional ainda continuava sendo relacionado à escassez material e ganhava menos que outros profissionais, o que lhe diminuía em status e poder, e também em estima psicológica e social.

Adorno propõe medidas para obstruir as representações negativas da imagem do professor nas gerações alemãs futuras (Adorno, 2002, p. 115-117), ou seja, eliminar os tabus degradantes do magistério. Para o filósofo, a excelência na formação do professor é essencial para gerar uma correção da deformidade da visão negativa do professor. Através dessa formação, o professor será capaz de desenvolver uma decisiva transformação na sociedade, superando a opressão à liberdade intelectual por meio do exercício da resistência, da reflexão e da ação eliminadora da barbárie e providenciando à comunidade, desse modo, uma escola que liberte seus membros de tabus e trabalhe para a desbarbarização da humanidade (Adorno, 2002, p. 117).

Já na aula do dia 11/12/2023, o professor Almiro trouxe como convidado o seu orientando na pós-graduação, o professor Enilson, para nos apresentar a sua pesquisa e nos falar um pouco a respeito de sua experiência como professor no ensino médio em escolas privadas. A pesquisa de Enilson trata sobre os modelos de comunicação pedagógicos em Habermas, um tema bastante pertinente. E em meio à sua apresentação, nos falou bastante sobre a dinâmica nos colégios privados em que atua, mas o que mais me chamou a atenção é exatamente o seu desabafo, pois sente-se frustrado diante da educação mercadológica, sente-se solitário em relação aos colegas de profissão, pois lhes falta o senso de coletividade, lhes falta a educação cooperativa. E ainda falta, em suas palavras, professores mais politizados na educação atual. Os dizeres do professor Enilson reforçam ainda mais certas visões negativas que possuo sobre o sistema educacional contemporâneo e sobre o quanto somos afetados pelo sistema capitalista.

No dia 15/01/24 Mariana, Matheus e eu estivemos no CEPAE, para assistirmos à aula planejada pelos estudantes e estagiárias de Filosofia – Licenciatura, do Estágio IV, Ênio, Tahinny, Victor e Wellington. A aula ocorreu sob a supervisão do professor Evandson na turma do 3º ano A, de filosofia política. O tema da aula era “social-democracia”, e os estagiários passaram um vídeo para a turma intitulado *Quem cala consente*. Após o vídeo, o grupo questionou se alguma/algum aluna/o tinha alguma dúvida, e explicou o tema da seguinte forma: “diferente do liberalismo, o social-democrata tem uma interferência maior no Estado”, disse Wellington.

Logo em seguida, eles passaram um texto com as definições básicas sobre o “social-democrata” e pediram para que os alunos fizessem três grupo após a leitura, constituindo um grupo da acusação, um da defesa e um de júri. Observando a turma, percebi algumas/alguns alunas/os lendo o texto, alguns comentavam o tema da aula entre si, um aluno defendia o sistema anarquista e dizia “é melhor atualmente que o comunismo”, enquanto outros conversavam paralelamente.

Houve um intervalo e na volta a turma posicionou as cadeiras, de uma forma onde cada grupo ficava de um lado da sala, mais de frente um para o outro, sendo um a defesa do sistema “social-democrata” e o outro a acusação do mesmo sistema, o que consistia em criticar negativamente o sistema, e um júri para mediar a discussão. Particularmente achei interessante, porém os alunos estavam agitados e cheios de expectativas para irem embora. No final da aula, o professor Evandson fez um comentário sobre a aula: “A discussão visa verificar qual grupo tem melhor argumentação e não identificar quem é o certo ou errado. Apesar de que a maioria das/dos alunas/os se compactuam com os ideais sociais-democratas”.

2.3 Estágio III

Processo de desenvolvimento da primeira aula no CEPAE: O dia da felicidade, segundo Sabino

São inevitáveis o nervosismo, a insegurança, o medo, as autocríticas e os autoquestionamentos acerca das primeiras atividades e tarefas a serem realizadas na vida. E desse modo, não foi diferente em relação à primeira aula a ser ministrada no CEPAE. Para mim, foi motivo de grande preocupação, pois ainda não sabia fazer o plano de aula, porque ainda não havia cursado a disciplina de Didática. Por esse motivo, eu sabia o quão desafiador seria desenvolver o plano de aula e também me parecia desafiador sistematizar uma aula, que já tem um plano de ensino estabelecido, com a minha pesquisa de estágio. O conteúdo da aula seria

sobre “Mito” ou “Natureza e Cultura”, e algumas circunstâncias de minha pesquisa e o ensinar de filosofia não estavam muito claros na minha mente.

Para sabermos melhor sobre o conteúdo que seria ministrado na aula do 1º ano B do dia 15/07/24, decidimos, Lorrany, Mariana e eu, conversar com o professor Fabrício. Conversamos com ele durante o recreio no CEPAE, e ele nos disse que nesse dia era provável que estaria finalizando o conteúdo sobre “Mito” com base no livro didático. Segundo o professor, no bimestre anterior, havia passado um conteúdo muito pesado e havia exigido um pouco mais das/os suas/seus alunas/os, e por esse motivo gostaria que as aulas fossem mais leves. E ele contava conosco para proporcionar, além de uma experiência leve, uma experiência diferente do convencional às/aos alunas/os, e propôs que fizéssemos uma aula dinâmica e fora da sala de aula. Esse momento foi crucial para começarmos, em uma perspectiva inicial, a idealizar como nós iríamos desenvolver essa primeira aula.

Quando voltamos à sala de aula do estágio, no prédio das Humanidades I, para conversarmos com a professora Carmelita, encontramos por lá o grupo composto por Matheus, Paulo e Sabino. Esse grupo acompanhava as aulas do professor Fabrício no 1º ano A, e nessa turma o conteúdo era o mesmo do 1º ano B. Dessa maneira, surgiu a ideia de desenvolvermos a aula do dia 15/07 em união dos dois grupos, a qual, de acordo com o plano da professora, deveria ser ministrada individualmente no 1º ano A pelo Matheus e no 1º ano B por mim. No momento da conversa e dos bons humores entre os dois grupos diante da professora, e parecendo uma boa ideia, a Carmelita concordou com o desenvolvimento e realização da aula pelos dois grupos unidos.

Por meio de uma reunião via Google Meet, elaboramos a primeira proposta de aula, uma espécie de roteiro bem sucinto. Em seguida, marcamos uma reunião com o professor Fabrício, que nos atendeu prontamente, e a reunião foi realizada. Essa reunião foi bastante esclarecedora, e para mim foi tranquilizante. O professor é muito paciente e explicativo, sempre mostrando um cuidado, um zelo para com suas/seus alunas/os do CEPAE. Além de nos falar das dificuldades e limitações que poderíamos encontrar na escola, também nos mostrou no próprio livro didático o que tinha trabalhado e o que estava trabalhando, expressando a sua maneira de ministrar aula. E ele sempre relaciona o conteúdo com o cotidiano, com a vida atual, as aulas são sempre interativas, com questões e diálogos, e isso era algo de que ele não podia abrir mão, ou seja, algo que ele prezava muito.

A primeira versão do plano de aula foi feita pela Lorrany, sem muitos detalhes. Foi feito algo bem resumido e bem sucinto por ela, mas era exatamente o que ela havia aprendido. A Mariana, vendo o plano feito por Lorrany, achou que não estava bom e reformulou

todo o plano de aula, fazendo maior detalhamento da aula, e também colocando em prática aquilo que ela havia aprendido a respeito do desenvolvimento do plano. E o colega Paulo decidiu, a partir da proposta da Mariana, fazer mais detalhamentos, conservando o que a Mariana já tinha feito. Ele desenvolveu mais articulações que percebeu que faltavam e mudou a estética do plano de aula. O documento foi aprovado pelo grupo e enviado para a professora Carmelita.

A professora sugeriu mudanças. Os detalhamentos da aula estavam no conteúdo programático e eles não deveriam estar nessa parte, pois deveriam estar na metodologia, e alguns outros detalhamentos, caso para nós houvesse necessidade, deveriam estar no roteiro da aula. Também havia várias redundâncias tanto de títulos quanto de práticas de ensino propostas por nós. Foram feitas várias reformulações a partir dos vários retornos da professora. A metodologia e a avaliação foram as partes mais difíceis para serem desenvolvidas e satisfazerem as exigências. Foi um processo muito cansativo, principalmente para a nossa colega Lorrany, que se deteve em fazer a mediação entre o grupo e a professora, e que fez a maior parte das reformulações sugeridas. E para ela foi muito difícil se desprender daquilo que ela já havia aprendido.

Com o plano de aula finalizado, eu o enviei para o professor Fabrício via e-mail, alguns dias antes do dia 15/07. A partir do que o professor visualizou no plano de aula, notou que faltou a nós, o grupo, termos lhe enviado junto ao plano o material que usaríamos na aula, como os slides do Sabino, os cartões folclóricos, a música que seria tocada, um roteiro com os minutos de cada uma das falas e momentos da aula, e o conteúdo e a referência das falas de cada estagiária/o. Comuniquei imediatamente todas as solicitações do professor, via grupo WhatsApp, as/aos colegas. E me prontifiquei a fazer o roteiro.

Enquanto a Lorrany ainda estava desenhando e montando os cartões folclóricos no Canvas, Matheus já havia ajudado a escrever as lendas, mas ainda faltava duas lendas para dar o total de 12 e, vendo isso, eu sugeri as lendas da Vitória Régia e do Guaraná. Pedi ao Sabino que me enviasse o documento que seria apresentado e assim ele fez. E Paulo estava escolhendo as músicas que seriam tocadas no momento da dinâmica da aula. Seguros de que tínhamos atendido a todas as solicitações do professor, enviei novamente o plano de aula e o roteiro anexo, e no mesmo e-mail enviei o material que usaríamos na aula. O professor nos deu um retorno positivo dizendo que estava animado com a aula, mas não deixou de fazer observações importantes, pois tínhamos deixado de contar e colocar no roteiro o momento da montagem do datashow e a chamada (verificação da presença das/dos alunas/os), e também não estava muito seguro de nosso método avaliativo.

O dia 15/07 chegou, e houve poucos contratempos, o mais delicado e preocupante foi o Sabino não estar presente na primeira aula, no 1º ano A, para fazer sua apresentação sobre o mito do fogo. Mas as/os colegas mudaram a posição das partes da aula, colocando o Sabino para o final, e a dinâmica que seria no final foi antecipada, e isso deu certo. A aula do 1º ano A, eu não acompanhei, e isso já era previsto em nosso planejamento, eu estaria presente apenas no 1º ano B, assim como a Mariana, pois nós duas somos de outras cidades e não haveria como chegarmos mais cedo.

Na aula do 1º ano B, tudo ocorreu conforme o planejado, e nisso até mesmo os contratempos, pois nessa turma havia o recreio no meio da aula, e já era imaginado que alguns alunos demorariam para voltar para a aula. Um ponto delicado foi a apresentação do Sabino, na qual ele acabou não narrando o mito do fogo, mas falou bastante sobre sua comunidade e sobre suas vivências, e o mito em si foi apenas mencionado. Atribuímos essa falha à questão da linguagem, considerando que o nosso colega indígena algumas vezes tem dificuldade de nos compreender. Mas, ainda assim, a sua apresentação não deixou de ser interessante e sobretudo importante. Houve, durante todas as atividades, a dispersão das/dos alunas/os, mas nada que fosse muito grave, ao menos na minha opinião. De modo geral, a turma se comportou e interagiu bem em todas as atividades. O plano de aula e roteiro estão fixados no anexo no final deste relatório.

Reconhecemos que falhamos como grupo em alguns aspectos, principalmente no que diz respeito à divisão das tarefas. Me parece que, quando fazemos uma avaliação geral, vemos que a Lorrany ficou mais sobrecarregada durante o processo do desenvolvimento da aula e fabricação dos cartões. E é claro que ela não foi abandonada por nós, acontece que esse momento era após a greve e a volta às aulas, muitos de nós estávamos fazendo trabalhos acadêmicos, estudando para seminários e provas, somando-se ainda o fato de que alguns colegas também trabalham. Como grupo, sempre estivemos conversando e fizemos alguma tarefa em algum momento. Quanto aos cartões, o colega Paulo havia criado também no Canvas uma versão, mas não foi aprovado pelo grupo. Lorrany, Mariana e Paulo trabalharam no plano de aula em algum momento. Na maior parte, a mediação entre grupo e Fabrício foi feita por mim. Mas o importante foi que todos estiveram envolvidos.

Observo também que pode ser que não tenha sido uma boa ideia a realização da aula em um grupo de seis. Talvez tivéssemos que nos dividir em três para cada turma e as/os outras/os estagiárias/os só acompanhassem. Digo também, e lamento, que Mariana não se sentiu realizada com a aula, devido à divergência de ideias, pois almejava algo diferente e tinha expectativas diferentes no estágio, que foram atropeladas não só pelo grupo, mas também pela greve que

diminuiu nosso tempo na escola durante o estágio. E nossa colega gostaria de ministrar uma aula sozinha e em sala de aula de forma convencional, abarcando melhor os temas de sua pesquisa, o que eu esperava que ela conseguisse no Estágio IV.

Contudo, Sabino chamou o dia da aula de “o dia da felicidade” e ele teve uma realização formativa. E isso é muito especial. Ele observou inicialmente que seus pais só estudaram até o Ensino Fundamental, enquanto ele havia passado por várias fases de uma jornada educacional até chegar à universidade. E ele tem sim o desejo se tornar professor e levar saberes e conhecimentos para as/os jovens de sua comunidade, para que possam também vivenciar uma jornada nos estudos.

Percebo que a aula do dia 15/07 atribuiu maior certeza e sentido nas atividades que ele tem feito na Filosofia - UFG. E nesse dia ele realmente se viu como ele se vê em sua comunidade. Porque ele disse que é padrinho de um grupo de adolescentes na comunidade indígena Xavante e que lhes ensina saberes tradicionais de sua cultura a fim de mantê-la viva. E, no dia da aula, lá estava ele, em uma sala de aula com um grupo de adolescentes e estava falando para elas/eles também sobre sua cultura.

Sabino lembra que também senta em roda no chão com seus “afilhados”, e mais uma vez ele estava ali recordando de sua comunidade, sentado no chão em roda com adolescentes do CEPAE. Sentimos em relação ao Sabino, e ele em relação a nós, que há uma barreira linguística, e às vezes vem aquela impressão de um ao outro como o estrangeiro. E imagino que o sentimento de estrangeiro é o de não pertencimento, porém, naquele dia, ao levar sua cultura, ao sentar em roda no chão, com muitos jovens atentos, ele soube se viu como pertencendo àquele grupo e àquele ambiente e estava feliz. E assim o Sabino estabeleceu um valor fundamental na relação estudante e professor, que é o ensino e aprendizagem e formação humanística, ambos ensinam, aprendem e compartilham experiência e cultura.

2.4 Estágio IV

A aula que me coube ministrar no Estágio IV consistia em fazer uma sensibilização quanto ao tema da terceira escala, que era “ética e moral”. Já orientada pela professora Rosângela Chaves a respeito de como estruturar minha aula, passei a construir de fato o plano de aula, ou seja, tirá-lo do mundo das ideias. Me mantive fiel a boa parte das ideias iniciais. Enquanto construía o plano, pude também arquitetar como seria a dinâmica. A dinâmica consistia em apresentar, por meio de slides, notícias relativamente atuais e que tiveram grande repercussão, a exemplo do pedido de prisão do cantor Gustavo Lima por suposto envolvimento

ilegal com jogos on-line, a fim de capturar a atenção das/dos alunas/os e questioná-las/os sobre qual segmento da ética aquela notícia se enquadrava.

Após a finalização do plano de aula, a professora Rosângela ainda fez algumas observações. Em seguida, passei o plano ao professor supervisor Fabrício David de Queiroz. É sempre muito especial quando temos de lidar com as observações do professor. Pois ele tem uma rotina consolidada com a escola, com as/os alunas/os e com as/os estagiárias/os em relação, principalmente, às suas práticas docentes. Sempre que o ouço, me sinto de fato uma aprendiz e ele de fato, nesse sentido, é um mestre. Suas colocações são sempre muito cirúrgicas e precisas, ele demonstra uma preocupação genuína sobre o conteúdo apresentado, sobre o formato da nossa regência de aula, e com as/os alunas/os do CEPAE em si, ou seja, com suas necessidades e dificuldades. Sempre nos fala dos problemas e desafios que encararemos ao chegar na sala de aula.

Essa atitude faz toda a diferença, pois percebo que é nesse momento que somos compensados por certas situações que não experienciamos como professoras/es em sala de aula. É nesse momento que é quebrada aquela rigidez do academicismo, aquela rigidez que gera distanciamento. Uma aula não pode ser apenas expositiva como exatamente é na universidade, pois a sala de aula do ensino médio ainda é muito juvenil, é imatura, é orgânica, é energizada, é viva e exige muita flexibilidade do regente.

O principal problema da minha proposta, segundo o professor, foi o enunciado da avaliação. Ele relatou que as/os alunos têm bastante dificuldade na compreensão de enunciados. O enunciado feito por mim era primeiramente muito vago e abstrato, depois que o refiz ainda sim trazia termos um pouco distantes da realidade dos alunos, o que poderia prejudicar a sua compreensão e, conseqüentemente, os meus próprios critérios de avaliação. Por fim, decidi que a parte final da aula, “a reflexão a partir do estoicismo”, seria retirada, para poder acompanhar os alunos enquanto eles faziam a atividade em sala de aula. A proposta anterior era que eles fizessem a atividade em casa, e a decisão de realizá-la em sala tranquilizou o professor supervisor.

No dia da regência da aula, eu estava muito nervosa e preocupada com o tempo de aula que eu tinha de respeitar e sobre como lidaria com os momentos de inconveniência da turma. Mas, no decorrer da aula, tudo ocorreu bem na medida do possível. O 1º ano B é uma excelente turma, no que concerne à interação e à participação, são ágeis no diálogo e nas respostas, mas também são bastante agitad(as)os, no sentido de que se entregam facilmente às conversinhas paralelas entre colegas, mexem no celular e se dispersam muito rápido em relação ao conteúdo exposto. Assim, eles precisam de um certo controle da parte da/do professora/or, mas nada em

seus comportamentos e falas excede a normalidade de uma turma comum de ensino médio, e isso faz deles uma turma muito boa para se trabalhar.

De forma geral, a turma interagiu bem comigo à medida que eu lhes direcionava perguntas sobre o conteúdo exposto. O momento mais delicado ocorreu na explicação sobre a ética consequencialista, quando houve uma instabilidade de humores na sala de aula e comentários inapropriados, do tipo: “Se matássemos todos os estupradores, então isso faria bem à humanidade”. Porém, esse tipo de comentário é esperado em turmas de ensino médio e também o professor Fabrício já havia nos avisado quanto a essa possibilidade. No meu caso, agi com naturalidade e expliquei que as coisas não eram resolvidas desse modo.

É preciso dizer que, em toda a aula, a estagiária Lorrany Mendes esteve me auxiliando, a quem fico muito agradecida pela enorme disposição, e na hora da correção da avaliação ela também esteve lá, para me ajudar com a leitura das respostas das/os alunas/os, por conta das minhas dificuldades decorrentes da baixa visão provocada pelo ceratocone avançado. Na correção das avaliações, ficou claramente perceptível o problema de compreensão do enunciado de algumas alunas e alguns alunos, conforme o professor Fabrício havia me alertado, mas, de modo geral, a turma se saiu muito bem.

É importante dizer que toda a concepção dessa aula esteve diretamente relacionada com a minha pesquisa. Ao ministrá-la, optei por conversar com as/os alunas/os. Foi uma aula em grande parte expositiva, mas não deixei de perguntar à turma se havia entendido o conteúdo, não deixei de interrogá-las(os) sobre aquilo que já havia explicado para checar seus aprendizados, pois eu estava sempre me certificando de que estavam me acompanhando.

Mantive com elas/eles uma interação constante e busquei construir conexões pessoais, sempre que me referia a alguma aluna ou algum aluno eu lhe perguntava o seu nome, para chamá-la/lo pelo nome, pois é muito importante, principalmente nessa faixa etária, que elas/eles saibam que são reconhecidas/os como seres singulares, que eu enquanto professora estou as/os vendo, estou olhando diretamente para elas/eles e, dessa forma, construímos vínculos.

Também busquei validar cada comentário, mesmo os inadequados, agradecendo pela contribuição e reforçando ou corrigindo a ideia e a argumentação dada pelas/os alunas/os. Em alguns momentos, caminhei entre as fileiras das cadeiras na sala e me tornei mais próxima para ouvi-las/los e para vê-los de perto. Ao longo da aula, percebi que os(as) alunas(os) estavam tranquilos e à vontade com a minha presença, o que tornou as interações e participações possíveis.

Também procurei estabelecer pontos nodais para que as/os alunas/os se conectassem dentro da sala de aula, e que pudéssemos, desse modo, estabelecer certos princípios da

democracia radical de Chantal Mouffe. No momento da leitura de slides, eu solicitava a uma/um aluna/o que lesse o que estava escrito em voz alta para todas/os. E quando eu fazia uma pergunta e uma aluna ou um aluno me respondia corretamente, eu pedia para repetisse a resposta em voz alta para que todas/os pudessem ouvir.

Essa atitude de pedir que repetissem a resposta em voz alta para que os colegas pudessem ouvir e também compreender motivou-as/os, pois em certos momentos em que alguma/algum colega não entendia o que estava sendo apresentado, uma/um ou outra/o colega se solidarizava e explicava o conteúdo aprendido. Esses momentos de interação entre as/os alunas/os eu apenas permitia que ocorressem e as(os) observava. A interação não tinha fronteiras, o pessoal do fundo dialogava com o da frente, o da frente com o do meio, o diálogo se expandia às laterais. Contemplar toda essa interação me tocou a ponto de alcançar um sentido estético – esses momentos foram os que eu achei mais bonitos em toda a aula.

3. Proposta de ensino: ensino para a vida

Em todas as reuniões que tivemos com o professor Fabrício, foi enfatizada a importância de que em todos os conteúdos a serem abordados e apresentados em sala de aula, sem exceção, devem de algum modo serem relacionados com o cotidiano das/os alunas/os, pois esse é um caminho para que o conteúdo faça sentido a elas/eles. O sentido é uma parte fundamental para o entendimento das/os alunas/os a respeito de um conteúdo.

O caminho que o professor supervisor percorre de uma aula para outra é de: uma aula de sensibilização do tema, conceituação do tema e por fim uma atividade sobre o tema. Esse formato cíclico de uma aula para outra é inspirado na oficina de conceitos de Silvio Gallo, constituída por sensibilização, problematização, investigação e por fim conceituação. Através desse processo, o professor passa o sentido do tema da aula a respeito do conteúdo ao entendimento das/os alunas/os.

Como já venho tratado ao longo deste estágio, a minha proposta de ensino é um ensino antineoliberal. Que não eduque somente para o mercado de trabalho, mas que dê aos alunos uma formação para a vida, por meio da ideia de uma cidadania e de uma democracia plurais, por meio do olhar para si mesmo, do olhar para os outros, com vista ao cotidiano como um todo, para dessa maneira atribuir sentido ao conhecimento adquirido na escola.

Quando penso nos tópicos a serem ensinados em uma aula, acredito que devem estar inteiramente ligados com a vida, com a existência mesma, pois o cidadão é sobretudo aquele

inteirado com a cidade, com a comunidade, possui em si certa identificação coletiva, é aquele que se conscientiza nas várias áreas de sua vida, seja política ou social, para ensejar uma democracia plural, a fim de possibilitar caminhos para a democracia dentro da escola. Desse modo, a minha proposta de ensino independe de conteúdos, porque tenho como foco a metodologia.

Quando estive nas aulas de políticas ministradas pelo professor Evandson, ainda no Estágio I, contemplei uma turma muito participativa e inteirada de assuntos políticos, mas um outro grupo de estagiárias presenciou uma turma diferente, que manifestava argumentos por vezes contrários aos direitos humanos. E a instabilidade de humores provocava na turma uma certa cisão, na qual havia os tolerantes e os intolerantes. Foi dessa maneira que me perguntei como seria possível dentro de uma sala de aula, em meio de uma diversidade de pensamentos e argumentos, estabelecer um ponto de conexão para fazermos uma comunidade.

Para Chantal Mouffe, a principal tarefa da democracia radical consiste em ligar várias lutas democráticas, para haver uma articulação entre grupos diferentes, e que através dessa articulação possam transformar suas identidades enquanto grupos. Para que cada grupo possa conversar a partir de suas referidas exigências uns com os outros e desenvolver entre si uma equivalência democrática. A filosofia política, nesse contexto, é fundamental, diz a autora, para gerar caminhos para moldar a definição de realidade e construir novos sujeitos na sociedade (Mouffe, p.33,34).

Para Mouffe, a cidadania é uma identidade política criada através da identificação com a *res publica*. Pois a cidadania não é um estatuto legal, mas sim um tipo de identidade política. É um tipo de identidade comum, na qual as pessoas possuem diversas concepções de bem, e estão empenhadas a vivenciar as regras prescritas pela *res publica*. Diz a autora: “A cidadania é um princípio articulador, que afeta as diferentes posições de sujeito do agente social, ao mesmo tempo que permite uma pluralidade de compromissos e o respeito pela liberdade individual” (Mouffe, p.96),

Tratando de política, diz Mouffe, as pessoas são livres e iguais dentro da noção de *res publica* democrática liberal. Em detrimento da noção de liberdade e igualdade vários grupos questionam se dentro das relações de domínio sociais os princípios de liberdade e igualdade são de fato consolidados, ao verem que não são, isso lhes força a uma radicalização, um alargamento entre os grupos e lutas. Pois encontram dentro das razões democráticas questões em comum entre si, ou seja, os problemas acerca da liberdade e igualdade. Tal radicalização q levam os grupos a uma construção de uma identidade política, que é a de serem cidadãos radicais democratas (Mouffe, p.96).

Para a autora, a identidade política como cidadãos radicais democratas depende sobretudo de uma identificação coletiva, que por meio dos questionamentos da liberdade e da igualdade, os diferentes grupos possam se juntar e construir um tipo de nós, se articulando dentro das esferas democráticas, para que seja possível uma hegemonia dessas forças, de tal modo que se tornem novas identidades. Mas não se trata de estabelecer alianças, pois o cerne dessa cidadania está na modificação das identidades dos grupos enquanto forças em si, quaisquer que sejam as posições desses grupos quanto a raça, etnia, gênero, classe, orientação sexual etc. (Mouffe, p. 96, 97).

Mouffe observa que a cidadania radical democrata é formulada dentro de uma problemática que concebe o agente social. Esse agente é um conjunto de sujeitos, construídos a partir de uma diversidade de discursos entre eles. Por esse motivo, a autora toma uma perspectiva não essencialista de sujeito, em que tais sujeitos e a comunidade política são formados por meio de construções discursivas e históricas. Sua concepção de cidadania rejeita o universalismo e a ideia de que os sujeitos possuem uma essência fixa (Mouffe, p.97).

A autora expressa ainda que o cidadão democrata radical é preocupado em como a igualdade e a liberdade são postas na comunidade, pois todas as suas ações, em todas as áreas da sua vida social, são norteadas por esses dois conceitos. O cidadão democrata radical tem sua liberdade individual preservada, e a comunidade não tem um objetivo único e específico que se afirme uma única posição para todos os membros. Há ainda nessa sociedade uma distinção entre liberdade individual e as esferas públicas, pois a democracia radical reconhece as conquistas da democracia moderna (Mouffe, p.99).

Minha proposta de ensino é superar os antagonismos políticos dentro da sala de aula, os conflitos de grupos inimigos, em prol de uma constituição de um pluralismo agonístico, pois bem sei da impossibilidade de alcançar um consenso unânime em relação a algum conteúdo, principalmente os de natureza política, em uma turma composta por cerca de 30 alunas/alunos. O conflito é algo inerente a esse ambiente. Como professora, não tenho a pretensão de “brigar” com as opiniões de minhas/meus alunas/alunos, mas tenho por função dar elas/eles as condições para o saber, para a criação de uma nova identidade, e levá-los a fazerem conexões uns com os outros por meio da participação em sala de aula, com articulações, argumentos sobre conteúdo ou tema da aula, diálogos, afim de se reconhecerem agentes que compartilham um mesmo mundo e com isso desenvolver uma comunidade democrática.

Objetivo: Apresentar a filosofia de forma a conscientizar as/os estudantes sobre as relações humanas, de forma a superar e combater os antagonismos políticos, pois a sala de aula deve ser

um local de diálogo e de respeito às diferenças. Além de compreender o papel da filosofia nesse processo, e de sua prática advinda do trabalho do pensamento humano e a complexidade das relações sociopolíticas nesse contexto.

Metodologia: A metodologia tem como foco estimular a participação das/dos estudantes de forma a dar abertura para contribuições feitas por elas/eles. As aulas serão em alguns momentos expositivas, a fim de apresentar o conteúdo e tema da aula, e serão dialogadas para reforçar e valorizar a participação das/os alunas/os, por meio de perguntas direcionadas, para que a/o estudante, ao responder a pergunta, possa articular suas ideias aos demais e iniciarmos uma relação democrática agonística dentro de uma relação saudável e respeitosa.

Avaliação: A avaliação consiste em propor alguns tipos de atividades pontuadas como atividade discursiva, atividade oral e atividades em grupo feitas em sala de aula. Penso nisso para propor formas diversas de observar como as/os estudantes se saem em cada uma dessas atividades. Para que assim, as/os estudantes que têm dificuldade em algum aspecto não sejam prejudicados

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor, **Tabus acerca do magistério Educação e Emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p 97-117.

CEPPAS, Filipe. Ensino de filosofia na encruzilhada: democracia, atualidade e antropofagia. **Cuestiones de Filosofía**, v. 5, n. 24, jan./jun., 2019 pp. 129-144. Disponível em: https://revistas.uptc.edu.co/index.php/cuestiones_filosofia/issue/view/588. Acesso em: 08/05/2021.

FAVARETTO, Celso. Sobre o ensino de filosofia. **Revista da Faculdade de Educação**. São Paulo. v. 19, n. 1, jan./jun. 1993, pp. 97-102.

GUIMARÃES, Marcelo Senna. O transe e o trânsito das disciplinas no ensino médio. **Trilhas Filosóficas - Revista Acadêmica de Filosofia**, Caicó, ano VII, n. 1, jan./jun. 2014, pp. 103-128.

JACONDINO, Eduardo; VOSS, Dulce Mari da Silva. Democracia radical, educação e diferença: Na contracorrente das políticas neoliberais e neoconservadoras. **SciELO Preprints**, março-maio, 2022. disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3975>.

MOUFFE, Chantal., Por um modelo agonístico de democracia. **Revista de Sociologia e Política**, Curitiba, n. 25, p. 11-23, nov. 2005.

MOUFFE, Chantal. **O regresso do político**. Trad. Ana Cecília Simões. Lisboa: Gradiva, 1996.

PEREIRA, O. P. Discurso aos estudantes de Filosofia da USP sobre a pesquisa em Filosofia.
Dissenso: Revista de Estudantes de Filosofia, n. 2, 1999, p. 131-140.
<https://doi.org/10.11606/issn.2447-9713.dissenso.1999.105216>

Anexo I – Plano de aula Estágio III

	PLANO DE AULA		
	Professor: Fabrício David de Queiroz		
	Instituição: Universidade Federal de Goiás	Disciplina: Filosofia	
	Carga Horária: 90 Min	Série: 1º Ano	Turma: A/B
	Turno: Matutino	Ano: 2024	
	Estagiárias (os):		
	Lara Gabriella Alves Carneiro Lorrany Mendes Lima Mariana Fernandes e Silva Matheus Reis Toledo Paulo Henrique Almeida Adorno Sabino Tsere Rawe Paridzane		

TEMA DA AULA

MITO E MITOLOGIA

OBJETIVO GERAL

- Compreender o papel dos mitos e lendas como formas de narrativas e expressão cultural, reconhecendo sua importância na construção da identidade, na preservação da memória social e na compreensão das diferentes visões de mundo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Retomar o conceito de mito para a Filosofia Antiga;
- Contextualizar a importância dos mitos e lendas na atualidade, dando ênfase a essas formas de expressão na cultura brasileira;
- Propor a discussão filosófica acerca da desmistificação de mitos e lendas para compreender suas implicações na construção da identidade cultural do povo brasileiro;
- Apresentar o mito do fogo e seus desdobramentos sob a perspectiva da cultura Xavante;
- Refletir sobre os mitos atuais presentes na sociedade na brasileira.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Apresentação das/dos estagiárias/os e do tema da aula: "Mito e Mitologia"
2. Os conceitos de mito e de lenda
3. A permanência de mitos e lendas na cultura brasileira
4. A importância das lendas e do respeito às visões de mundo de diferentes culturas
5. O Mito do Fogo e seus desdobramentos sob a perspectiva da cultura Xavante

METODOLOGIA

A aula será desenvolvida em primeiro momento dentro de sala, através da exposição oral do tema e do uso de slides e quadro de giz. Seguidas de atividades de interação e debate que serão feitas no ambiente externo, pois, para a realização da atividade e aproximação dos alunos, faz-se necessário um ambiente diferente da sala de aula. Não obstante, o ambiente externo permitirá a participação das/os colegas do Estágio I, para que a atividade também contribua para a formação delas/es. Pretende-se recapitular os principais pontos discutidos nesta aula e nas anteriores e, a partir disso, fazer provocações para aguçar a percepção das/dos alunos sobre os mitos na atualidade de forma a encorajá-las/los a continuarem refletindo sobre o tema por conta própria, de forma a aprimorar o debate entre a turma e professores visando a troca de saberes culturais e sociais. Para a atividade será utilizada uma caixa contendo “cards” folclóricos, possibilitando a interação com o conteúdo proposto.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Livro didático
- Giz
- Quadro de giz
- Projetor de slides
- Caixa de som
- Caixa folclórica

AVALIAÇÃO

1. A atividade proposta visa instigar, por meio de "cards" que trazem mitos e lendas cultuados em nossa sociedade, a reflexão e o debate acerca dos conceitos trabalhados em aula. Através da leitura dos "cards" iremos avaliar a compreensão e recepção do conteúdo recorrendo às falas, leitura e interpretação feita por cada aluna/o, assim como avaliar, a partir da participação das/dos alunas/os, a metodologia escolhida e trabalhada durante a aula.

COC Vilayara. Qual a importância do folclore brasileiro na educação infantil? Disponível em: <https://www.cocvilayara.com.br/blog/qual-a-importancia-do-folclore-brasileiro-na-educacao-infantil#:~:text=O%20folclore%20brasileiro%20%C3%A9%20considerado,da%20hist%C3%B3ria%20dos%20nossos%20antepassados.>

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARANHA, M L. A.; MARTINS, M. H. P. Filosofando: Introdução à Filosofia. 4 ed. Vol. único. São Paulo:Moderna, 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. Dicionário do folclore brasileiro. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1969.

[3ria%20dos%20nossos%20antepassados.](https://www.significados.com.br/mito-e-lenda/)

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. Mito e Lenda. Disponível em: <<https://www.significados.com.br/mito-e-lenda/>>. Acesso em: 11 de Julho de 2024.

ENCICLOPÉDIA SIGNIFICADOS. O que é uma Lenda. Disponível em:<https://www.significados.com.br/lenda/>.

FREITAS, Ana, Como o mito do amor romântico pode arruinar sua vida amorosa, 12 de junho de 2016, disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/12/como-o-mito-do-amor-romantico-pode-arruinar-sua-vida-amorosa>.

JORNAL DA USP. Coleção analisa permanência de mitos antigos na pós-modernidade. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/colecao-analisa-permanencia-de-mitos-antigos-na-pos-modernidade/>.

MEC. Folclore ajuda aluno a entender a história do país, diz professora. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/20216-folclore-ajuda-aluno-a-entender-a-historia-do-pais-diz-professora>

MEC. Trabalho com lendas e mistérios é um estímulo à aprendizagem. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/20194-trabalho-com-lendas-e-misterios-e-um-estimulo-a-aprendizagem>.

SEVERO, Marina, RESENHA O Mito da beleza (Naomi Wolf), YouTube, 8 de junho de 2020, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Gj7eccg6-4Q>

UNIFEBE. Folclore brasileiro: história do país além das lendas urbanas. Disponível em: [https://www.unifebe.edu.br/site/blog/folclore-brasileiro-historia-do-pais-alem-das-lendas-](https://www.unifebe.edu.br/site/blog/folclore-brasileiro-historia-do-pais-alem-das-lendas-urbanas)

urbanas/.

VASCONCELOS, Tatiana, ANDRADE, Fernando, Em livro, psicanalista reflete sobre o mito do instinto materno, YouTube, 29 de setembro 2023, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0NJqp5SZNgk>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COTRIM, Gilberto Fundamentos de filosofia / Gilberto Cotrim, Mirna Fernandes.- 4. ed. - São Paulo :Saraiva, 2016.

GALLO, Sílvio. Filosofia: experiência do pensamento. São Paulo: Scipione, 2014.

SAVIAN FILHO, Juvenal. Filosofia e filosofias: existência e sentidos. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

Roteiro de aula C.E.P.A.E do dia 15/07/2024

Essa aula foi preparada tendo em vista o conteúdo do capítulo 2 do livro didático de filosofia (A consciência mítica Pág 22, Mito Hoje Pág 24). A ideia de relacionarmos o significado de mito com as lendas folclóricas brasileiras e fazer uma reflexão a respeito do mito presente na sociedade atual através de características como a beleza, os papéis de gênero e outros, veio do trecho:

[...] o mito continua na raiz da nossa capacidade de compreender o que nos rodeia. A função fabuladora persiste nos contos populares, no folclore, na literatura, nas artes em geral e em várias expressões da vida diária. Por exemplo, certas palavras são ricas de ressonâncias míticas – casa, lar, amor, pai, mãe, paz, liberdade, morte. Logo, conferir-lhes uma definição objetiva não esgota seus significados simbólicos. (O mito hoje, 2º§ da pág. 24.)

1-Introdução: (5 minutos)

Todos estagiários

- Apresentação de nossos nomes, pesquisas, período de Estágio, e o que faremos durante a aula.

2- Apresentação breve dos conceitos de mito e de lenda (5 minutos)

Matheus

- A distinção entre mito e lenda será feita brevemente a partir da definição de cada um:
Lendas: Forma de narrativa, transmitida de forma oral entre as pessoas, que buscam explicar acontecimentos sobrenaturais ou fatos históricos e está intimamente ligado com

a cultura da região. Seus personagens são tipicamente pessoas ou acontecimentos históricos, dando à lenda uma base de comprovação. Mitos: são uma forma mais remota de crença, por meio da qual os povos se relacionam com o sobrenatural, geralmente utilizados para explicar fenômenos naturais. Seus personagens são entidades divinas ou elementos fantásticos, podendo se basear em algum fato histórico, mas em um contexto fictício.

Referência: Livro didático

sites: <https://www.significados.com.br/mito-e-lenda/>

<https://www.significados.com.br/lenda/>

3-A permanência de mitos e lendas na cultura brasileira (5 minutos)

Mariana

- Falará brevemente sobre mitos e lendas na cultura brasileira, como inspiração para sua fala, usará as seguintes referências:
- “Os mitos inspiram modos de viver. Eles cumprem a função de nos colocar, ao mesmo tempo, em frente ao mistério da existência e às nossas trajetórias de vida”, comenta o professor Rogério de Almeida, da Faculdade de Educação da USP, sobre a Coleção Mitos da Pós-Modernidade.

<https://jornal.usp.br/cultura/colecao-analisa-permanencia-de-mitos-antigos-na-pos-modernidade/>

- “Ele também constitui um elemento importante da própria economia por causa da geração de empregos, pela produção, comércio de bens associados e pelo turismo cultural que dinamiza. Foi lançado no país os fundamentos do folclorismo, que é a disciplina que estuda o folclore, que levou quase um século para conquistar prestígio no mundo acadêmico brasileiro. A partir de um primeiro interesse pelas tradições orais do folclore brasileiro, passou-se a estudar a música e posteriormente as festas e outras manifestações culturais. Desde então, o interesse pelo assunto só cresceu e hoje se tornou tema de diversos vestibulares e até do ENEM.”

<https://www.unifebe.edu.br/site/blog/folclore-brasileiro-historia-do-pais-alem-das-lendas-urbanas/>

- “Estudar e ensinar o folclore brasileiro significa despertar o interesse e curiosidade pela riqueza do nosso país, enriquecendo o pensar e aprendendo a ter empatia com o próximo. Cria-se uma identidade cultural, segurança, confiança e consciência crítica de si e da nação, sendo esse, o principal objetivo ao introduzir o assunto na educação

infantil.”

<https://www.cocvilayara.com.br/blog/qual-a-importancia-do-folclore-brasileiro-na-educacao->

[infantil#:~:text=O%20folclore%20brasileiro%20%C3%A9%20considerado,da%20hist%C3%B3ria%20dos%20nossos%20antepassados.](https://www.cocvilayara.com.br/blog/qual-a-importancia-do-folclore-brasileiro-na-educacao-infantil#:~:text=O%20folclore%20brasileiro%20%C3%A9%20considerado,da%20hist%C3%B3ria%20dos%20nossos%20antepassados.)

- De acordo com Lucimara, durante a execução do projeto, os estudantes tiveram a oportunidade de aprender que o computador é uma ferramenta para a aprendizagem. Ele serve para a diversão e como fonte de pesquisa. “Os estudantes perceberam que ao sentir dificuldade com algum conteúdo podem usar esse recurso e avançar na aprendizagem”, salienta.

<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/202-264937351/20216-folclore-ajuda-aluno-a-entender-a-historia-do-pais-diz-professora>

- “O tema folclore é visto de forma muito prazerosa pelos alunos”, diz. “Além disso, aguça a curiosidade e incentiva a aprendizagem de diferentes conteúdos.” Pedagoga com pós-graduação em psicopedagogia, Eliane está no magistério há 10 anos.

Também há dez anos no magistério, Clenir procura trabalhar o tema folclore com um foco diferente a cada ano. “É um tema que atrai a atenção dos alunos em todas as faixas etárias”, constata a professora, que tem formação em magistério. Segundo ela, a grande maioria dos estudantes ainda escuta de seus familiares histórias e lendas passadas de geração em geração e se diverte com brincadeiras e jogos de tempos atrás.

<http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/211-218175739/20194-trabalho-com-lendas-e-misterios-e-um-estimulo-a-aprendizagem>

4-A importância das lendas e do respeito às visões de mundo de diferentes culturas (5 minutos)

Paulo:

- Consciência mítica Pág 22 e Mito hoje pág 24
- Recordará os alunos sobre a importância das lendas e o respeito às visões de mundo de diferentes culturas, a partir de pequenas passagens do livro didático.
- Referência: Livro didático de filosofia - Capítulo 2

5-O Mito do Fogo e seus desdobramentos sob a perspectiva da cultura Xavante (20 minutos)

Sabino.

- Mostrará algumas imagens de pessoas de sua comunidade, enquanto conta o mito do

fogo. O mito do fogo é o mesmo contado no relatório de Estágio I.

6-Dinâmica “Caixa Folclórica” (30 minutos)

Todos os estagiários participam

- Haverão cards (cartões com dicas de lendas e as lendas folclóricas estarão escrita logo abaixo, ex; Boto rosa), os cards estarão dentro de uma caixa, tocará uma música enquanto a caixa passa mão por mão dos estudantes que estarão em roda, como em uma batata-quente. Em quem a caixa parar, a pessoa retira de dentro da caixa um cartão e lê a dica, enquanto que os colegas devem adivinhá-la. Os estagiários participam motivando a turma e caso as dicas sejam ainda difíceis podem jogar ainda mais dicas. E quando os colegas adivinharem a lenda, a pessoa que retirou o cartão lê a lenda para todos, e é questionado pelos estagiários “você conhecia essa lenda?”, “você ou sua família acreditam?”, após uma interação com eles, a dinâmica recomeça.
- Serão doze cartões dentro da caixa
- Paulo levará uma caixinha de som (Bluetooth) e músicas baixadas no celular
- As músicas serão sobre o “boi bumbá”, do festival de Paritins.

Conclusão - 15 min

Lara, Lorrany

- Reflexão final será voltada a provocar o pensamento e a associação das/dos estudantes, em relação a quais conexões elas/eles podem fazer entre mitos e a sociedade na qual estão inseridos. Para isso, trabalharemos os mitos na sociedade atual (mito da beleza, mito do amor ideal e mito da maternidade)

Visando a reflexão das/dos estudantes, iremos iniciar a reflexão com o pensamento “Sabemos que quando essas lendas foram criadas, foram criadas para justificar ou explicar um fenômeno ou acontecimento da época, e percebemos como isso perpassa pelas gerações e vai se adaptando com o tempo e as mudanças. Pensando nisso, quais os mitos que vocês conseguem pensar hoje em dia?” A partir disso, iremos interagir com os alunos baseado no que trouxeram de experiência, mas, como contribuição levaremos para a discussão e reflexão os mitos: da beleza, amor ideal e da maternidade para serem discutidos com as/os estudantes.

- Referenciais retiradas de assuntos cotidianos, rotineiros:

Amor ideal: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/06/12/como-o-mito-do-amor-romantico-pode-arruinar-sua-vida-amorosa>

Mito

da

meritocracia

https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Mito_da_meritocracia#:~:text=Mito%20da%20meritocracia%20%C3%A9%20uma,por%20causa%20de%20contradi%C3%A7%C3%B5es%20inerentes

Mito Materno:

<https://www.youtube.com/watch?v=0NJqp5SZNgk>

Mito beleza:

<https://www.youtube.com/watch?v=Gj7eccg6-4Q>

- A avaliação dos alunos e da metodologia se dará pela participação de todos na atividade proposta, de acordo com a interação e contribuição de suas falas. A partir disso, será possível observar a compreensão do conteúdo e a recepção das/dos estudantes em relação a metodologia proposta pelas/pelos estagiárias/os.

ANEXO II – Cards folclóricos





ANEXO III: Slides da aula do Estágio IV

Ética e Moral



Ética

- Reflexão dos fundamentos do agir e dos costumes.
- Princípio
- Fundamento
- Universal
- Reflexão crítica
- Questiona



Moral

- Regulamento (regras, normas) do comportamento humano.
- Hábitos e costumes
- Certo e errado
- Valores
- Cultura e deveres
- Relativa e temporal



Situações do cotidiano

- Em quais situações do cotidiano de vocês, vocês veem a ética e a moral e seus termos acontecendo? Exemplo: leis, cultura, costumes. De acordo com o que foi apresentado até agora.
- Vamos conversar!



Três tipos de ética

- Ética das virtudes
- Ética do Dever
- Ética Utilitária



Notícias jornalísticas

- Vamos avaliar notícias jornalísticas e encontrar por meio delas elementos que dizem respeito aos tipos de ética.



Justiça decreta prisão de Gustavo Lima em operação contra lavagem de dinheiro e jogos ilegais

- O Tribunal de Justiça de Pernambuco (TJPE) decretou, nesta segunda-feira (23), a prisão do cantor Gustavo Lima. A decisão foi tomada em meio às investigações da Operação Integration, que apura um suposto esquema de lavagem de dinheiro pelo qual também foi presa a influenciadora digital Deolane Bezerra. A decisão judicial cita "conivência com foragidos".



- A notícia referente a Gustavo Lima diz respeito a qual tipo de ética? Levando em consideração a atitude do cantor. Explique.

Mulher vítima de violência psicológica relata 15 anos para se livrar de ameaças

- As palavras acompanhadas de ameaças graves e de sentimentos possessivos se perdiam em meio ao "amor excessivo" declarado pelo companheiro. Essa foi a realidade enfrentada por uma moradora de Campinas (SP) e seu filho de 14 anos junto ao marido. Ela sofria violência psicológica e só conseguiu se libertar dessa rotina após 15 anos.

- Em qual tipo de ética ou éticas, diz respeito a atitude de um marido violento na nossa sociedade? Explique.



Governo prepara medida que proíbe o uso de celulares em escolas

- O Ministério da Educação (MEC) está finalizando um projeto de lei que prevê a proibição do uso de celulares em escolas públicas e privadas do país. (...) "Escola é lugar de interagir com amigos e ficar no celular atrapalha a convivência social, deixa a criança isolada em sua própria tela. E ressalto que a gente não é contra o uso de tecnologia na educação, mas ela precisa ser usada de forma consciente e responsável. Do contrário, em vez de uma aliada, ela pode se tornar uma vilã do processo educacional", disse Renan Ferreirinha, secretário de Educação do Rio, primeira cidade do país a decretar a proibição total dos celulares nas escolas.

- A notícia referente a proibição de celulares nas escolas diz respeito a qual tipo de ética? Explique.



Jovem resgatou mãe e dois bebês de carro durante enchente em Nova Iguaçu

- Em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, as ruas estavam alagadas em razão do temporal. Carros eram arrastados pelas águas. Em um dos veículos, estavam uma mãe e dois bebês, irmãs gêmeas, de apenas 1 ano. O jovem saltou do coletivo e conseguiu retirá-las do veículo, momentos antes de o carro ser levado pela correnteza. Todo o resgate foi gravado por outros passageiros e durou cerca de cinco minutos.



- A atitude do rapaz diz respeito perfeitamente a ética das virtudes. Quais virtudes poderíamos submeter ao rapaz? Dê mais exemplos de situações de atitudes virtuosas que você conhece.

Experimento chinês confronta limites entre ética e ciência

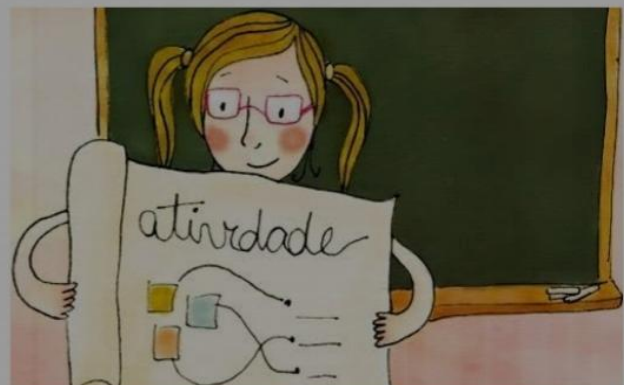
- Anunciado em novembro de 2018, durante o Congresso Mundial de Edição Genética, em Hong Kong, o experimento do cientista chinês He Jiankui, que revelou ter editado embriões saudáveis com a técnica de CRISPR-cas9, uma ferramenta genética que corta a sequência do DNA e o reconfigura para obter uma modificação – no caso, tornando-o imune ao vírus HIV – causou apreensão e gerou uma série de debates entre seus pares e nas sociedades científicas mundiais.



- A notícia referente ao corte de DNA em embriões diz respeito a qual tipo de ética? Explique.

Avaliação : Valendo nota!!!

- Escrevam um texto de no máximo 10 linhas, contando uma situação da vida pessoal, onde vivenciaram situações que envolvam a ética ou a moral. Deve conter algum dos termos, que vimos em sala de aula, como por exemplo: Princípio, costume, dever, lei, cultura, virtude, utilitário...



PLANO DE AULA

Universidade Federal de Goiás
Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação

Professor supervisor: Fabrício David de Queiroz
Disciplina: Filosofia. Série: 1º Ano. turma: B. Ano: 2024
Carga horária: 90 min
Turno: Matutino
Estagiária: Lara Gabriella Alves Carneiro

TEMA DA AULA : ÉTICA E MORAL

I - Objetivo geral

- Introduzir as alunas e os alunos às noções de ética e moral, refletindo sobre a sua importância e suas implicações no cotidiano.

II - Objetivo específico

- Apresentar os termos “ética”, “moral”. “valores”, “princípio”, “dever” e uma breve explicação sobre o significado de cada um.
- Promover uma sensibilização das alunas e alunos a respeito do tema, relacionando os termos com situações da vida e do cotidiano das/os próprias/os alunas/os.
- Propor uma reflexão sobre questões que envolvem a ética e a moral a partir de cinco ou mais notícias extraídas de veículos de comunicação nacional ou internacional.
- Problematicar a noção de “filosofia de vida” através da perspectiva da corrente filosófica estoica.

III - Conteúdo programático

- **Ética, moral, valor, princípio e dever:** breve introdução sobre essas noções e sua relação com situações do cotidiano
- **Importância da ética e da moral na convivência social:** problematizações a partir de notícias jornalísticas
- **Estoicismo:** reflexão e problematização sobre a noção de “filosofia de vida”.

IV - Metodologia

- Exposição introdutória sobre as noções de ética e moral (20 minutos)
- Conversa em sala de aula sobre questões do cotidiano relacionadas ao tema da ética e da moral (25 minutos)
- Análise de cinco notícias jornalísticas, relacionando-as ao tema da ética e da moral. As notícias serão apresentadas em slides seguidas de uma pergunta relacionada a algum termo apresentado como: valor, dever, princípio, etc. A turma deverá articular uma resposta coerente. (30 minutos)
- Reflexão final sobre a ideia de “filosofia de vida”, referente à concepção estoica (15 minutos)

V - Recursos didáticos

- Livro didático

- Quadro
- Giz
- Computador e projetor para a reprodução de slides
- Textos de apoio (notícias jornalísticas)

VI - Avaliação

- As/Os alunas/os deverão escrever uma pequena redação relacionando um dos tópicos do conteúdo exposto em sala de aula com uma situação da vida cotidiana para ser entregue na próxima aula.

VII - Bibliografia

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando*. 6. ed. São Paulo: Moderna, 2016.

ANTENOR, Samuel. Experimento chinês confronta limites entre ética e ciência. IPEA, Centro de pesquisa em ciência, tecnologia e sociedade, publicado 11 de novembro de 2019, disponível em: <https://www.ipea.gov.br/cts/pt/central-de-conteudo/artigos/artigos/55-experimento-chines-confronta-limites-entre-etica-e-ciencia>

MARQUES, Jéssica. ‘Não pensei em nada, só queria salvar a vida deles’, diz jovem que resgatou mãe e dois bebês de carro durante enchente em Nova Iguaçu, O Globo, publicado em 22 de fevereiro de 2024, disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/noticia/2024/02/22/nao-pensei-em-nada-so-queria-salvar-a-vida-delas-diz-jovem-que-resgatou-mae-e-dois-bebes-de-carro-durante-enchente-em-nova-iguacu.ghtml>

JORNAL DA EPTV 1ª EDIÇÃO, Mulher vítima de violência psicológica relata 15 anos para se livrar de ameaças; teste ajuda a identificar abusos, publicado em 23 de julho de 2018, disponível em: <https://www.google.com/amp/s/g1.globo.com/google/amp/sp/campinas-regiao/noticia/2018/07/23/mulher-vitima-de-violencia-psicologica-leva-15-anos-para-se-livrar-de-ameacas-questionario-ajuda-a-identificar-abusos-no-relacionamento.ghtml>

LOPES, Juliana. Governo prepara medida que proíbe o uso de celulares em escolas, CNN Brasil, publicado em 20 de setembro de 2024, disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/julliana-lobes/politica/governo-prepara-medida-que-proibe-o-uso-de-celulares-em-escolas/>

FERRAZ, Artur; MONTENEGRO, Júlia. Justiça decreta prisão de Gustavo Lima em operação contra lavagem de dinheiro, G1 PE; TV Globo, publicado em 23 de setembro de 2024, disponível em: <https://g1.globo.com/pe/pe/pe/pe/noticia/2024/09/23/justica-decreta-prisao-de-gusttavo-lima.ghtml>